

REDES E SOCIABILIDADES NA MODERNIDADE TARDIA.

SOCIAL MEDIAS AND SOCIABILITY IN THE LATE MODERNITY

Resumo

Este breve ensaio tem por objetivo resgatar parte das agendas de pesquisa bastante diversas, orientadas a partir das trajetórias temáticas “redes sociais” e “sociabilidade”. Essas trajetórias ilustram de forma bastante clara a importância deste recorte teórico-metodológico para a investigação de uma ampla gama de questões das ciências sociais contemporâneas. Interessa-nos, particularmente, a construção das sociabilidades mediadas pela internet, a partir de plataformas de comunicação online, nas quais é possível o estabelecimento de interações sociais com múltiplos atores, recuperando salas de conversa, espaços de convivialidade antes experimentados nas interações face a face. São, como vemos nas abordagens que se destacam por sua atualidade e porquanto construídas a partir da Sociologia das redes sociais, originais. É um exemplo importante do desenvolvimento dessa, cada vez mais relevante, agenda de pesquisa: a abordagem dos comportamentos humanos a partir da constituição da sua estrutura reticular, mas ancorada a partir da mediação da tecnologia do espaço virtual.

Palavras-chave: Redes Sociais. Modernidade. Sociabilidade.

Abstract

This brief essay aims to rescue part of the very diverse research agendas, oriented from the thematic trajectories “social medias” and “sociability”. These trajectories illustrate quite clearly the importance of this theoretical-methodological framework for the investigation of a wide range of issues in the contemporary social

Breno Augusto Souto Maior Fontes

Professor titular do
Departamento de Sociologia
da Universidade Federal de
Pernambuco - UFPE; doutor
em Estudos das Sociedades
Latino-Americanas pela
Universidade de Paris III
(Sorbonne Nouvelle).
E-mail:
brenofontes@gmail.com

sciences. We are particularly interested in the construction of sociabilities mediated by the internet, from online communication platforms, in which it's possible to establish social interactions with multiple actors, recovering conversation rooms, spaces of conviviality previously experienced in face-to-face interactions. They are, as we see in the approaches that stand out for their timeliness and because they are built from the Sociology of social medias, original. It's an important example of the development of this increasingly relevant research agenda: the approach of human behaviors from the constitution of its reticular structure, but anchored from the mediation of the technology of virtual space.

Keywords: Social Networks. Modernity. Sociability.

INTRODUÇÃO

A proposta deste ensaio está orientada para, a partir de um campo temático relativamente amplo, apresentar a agenda de pesquisa sobre redes sociais, que vem há algum tempo atraindo o interesse de vários espaços disciplinares, com recortes teórico-empíricos diversos. A novidade da análise das redes sociais é, de um lado, a atualização de um debate central nas ciências sociais, qual seja a dicotomia agência/estrutura na explicação dos fenômenos sociais, de um lado, e o desafio de apresentar um fenômeno cujas características centrais indicam uma complexidade e uma dimensão plástica, em movimento, singular. Fato importante a assinalar, a partir da década de 1970, com a introdução de diversas técnicas de medição de fenômenos sociais a partir de campos reticulares, a assim denominada “Análise das Redes Sociais” ganha um novo impulso. Igualmente, as interdependências micro/meso/macro são valorizadas – inclusive com instrumentos complexos de medição e visualização.

Apresenta-se como uma rejeição ao essencialismo sociológico, em que o fenômeno social teria características semelhantes àquelas descritas pela ciência tradicional, com seus cânones inaugurados por Kant: que a realidade é organizada, previsível; que os fenômenos têm características únicas, distintas de todos os outros e, por isso, apresentam-se da mesma forma, independentemente de sua localização

ou temporalidade. Agora, os que se detêm na ideia de rede se deslocam do campo da análise da sociedade enquanto organizada por indivíduos e seu estudo estruturado a partir dos comportamentos derivados dos seus atributos, independentemente se a sua determinação se daria a partir do indivíduo, da estrutura, ou de ambos. O que importa são os campos reticulares, ou, no dizer alegórico de Simmel (1999) o “fenômeno da sociação” (*Vergesellschafteten*), arranjado a partir de múltiplas configurações derivadas das sociabilidades vivenciadas pelos indivíduos em suas interações cotidianas, embora, ainda segundo Simmel, capazes de serem organizadas, para além do fato singular, em categorias analíticas mais amplas. Sim, portanto, é possível construir um discurso científico que escape ao solipsismo. O ser, o sujeito, é o resultado dos campos reticulares que se estabelecem em sua biografia; tem sua determinação a partir da vida, do lançar-se à vida, em momentos de incerteza, plasticidade, mas também está ancorado em determinações estruturais mais ou menos rígidas (classe social, gênero, raça/cor, entre outras).

Acrescenta-se a esse ponto outro de igual importância: a visão inovadora dos processos de mudança social, o incessante fluir de acontecimentos que estruturam os processos reticulares, obrigando os analistas a reconsiderar toda e qualquer lógica de análise que se ancore no previsível, em uma ordem. Sim, é verdade, há expectativa de normalidade, os campos interativos sugerem roteiros de ação mais ou menos esperados, e campos mais amplos de estabilidade, como confiança no outro, essas não são invenções. Mas não é possível, para os que pensam a sociedade enquanto processos reticulares, não considerar nada que não esteja inscrito na ideia de fenômenos complexos, multideterminados e, portanto, com plasticidade e imprevisibilidade suficientes para a evitação da lógica ordinária. Parece-nos que há um deslocamento epistemológico importante na comunidade acadêmica deste novo século, destronando ou redefinindo antigas formas de pensar.

Temos a pretensão, neste breve ensaio, de resgatar partes de agendas de pesquisa bastante diversas, orientadas a partir das trajetórias acadêmicas e do interesse de pesquisa dos seus autores, que ilustram de forma bastante clara a importância deste recorte teórico-metodológico para a investigação de uma ampla gama de questões das Ciências Sociais contemporâneas: mídias e contextos culturais, inovações tecnológicas, agricultura e globalização, migrações e sociabilidade,

organizações, saúde e Sociologia da Ciência – esta trabalhando os processos sociais subjacentes à construção do campo disciplinar das redes sociais. Interessa-nos, particularmente, a construção das sociabilidades mediadas pela internet, a partir de plataformas de comunicação on-line, nas quais é possível o estabelecimento de interações sociais com múltiplos atores, recuperando salas de conversa e espaços de convivialidade, que antes eram experimentados nas interações face a face.

São, como vemos nas abordagens que se destacam por sua atualidade e, também, porquanto construídas a partir da Sociologia das redes sociais, originais. É um exemplo importante do desenvolvimento dessa, cada vez mais relevante, agenda de pesquisa: a abordagem dos comportamentos humanos a partir da constituição da sua estrutura reticular, mas ancoradas a partir da mediação da tecnologia do espaço virtual.

HOMO SOCIOLOGICUS¹: ESTAR JUNTO, CONVERSAR, INTERAGIR NOS TEMPOS MODERNOS

Tem-se discutido muito sobre o que significa o ser humano. A humanidade, desde os primórdios, buscou construir representações sobre o significado da existência, sobre o sentido de estar junto com o outro. Nessa direção, todos concordam que estar juntos significa, de alguma forma, estabelecer algum tipo de laço constituinte, definidor da existência. E alguns também entram em acordo que a potência de comunicação existente em diversas culturas estabelece campos dialógicos em que é possível, a partir do verbo, estabelecer um acordo sobre como existir juntos e, eventualmente, dirimir eventuais conflitos. Dessa forma, o que frequentemente os sociólogos de algumas tradições contemporâneas definem por “sociabilidade” indica, em sua essência, a tentativa de compreender a natureza do social. O social, no contexto que estamos aqui empregando, remete ao que Simmel entende por sua

¹Este é o título de um interessante ensaio de Ralph Dahrendorf (1973), *Homo Sociologicus*. Londres, Routledge and Kegan Paul. Dahrendorf centra seu ensaio nos diversos papéis sociais assumidos, posição aqui colocada de forma diferente.

natureza mais essencial, o conteúdo e a forma das interações sociais, das sociabilidades. Desta forma, ainda segundo Simmel²:

Eu entendo que a tarefa da Sociologia é a descrição e a determinação das origens histórico-psicológicas daquelas formas nas quais as interações tomam lugar entre os seres humanos. A totalidade destas interações, originando-se a partir de impulsos diversos, direcionadas para os mais variados objetivos e alcançando propósitos para os mais diversos fins, constitui a sociedade. Também devemos distinguir dois sentidos para a expressão “sociedade”. Primeiro, em um senso mais largo, inclui a soma de todos os indivíduos envolvidos em uma relação recíproca, junto com os interesses que unem estas pessoas em interação; segundo, em um sentido mais estreito, a expressão sociedade designa a associação enquanto tal, quer dizer, a interação, ela própria, que constitui a ligação entre as pessoas, abstraindo o conteúdo material; quer dizer, o objeto da Sociologia enquanto doutrina da sociedade *strictu sensu* (Simmel, 1896, p. 167).

O ingrediente conversacional, neste caso, está bem claro. Naturalmente, as estruturas comunicativas, embora em sua essência sejam universais, apresentam características singulares consoantes a momentos histórico-civilizacionais e culturais. O que acontece, por exemplo, em sociedades pré-históricas é bem diverso do que o que ocorre em sociedades da modernidade tardia; mas são, em sua forma, a mesma coisa: ingredientes que alimentam a comunicação entre pessoas, a linguagem, que as permite o estabelecimento do vínculo social, na medida em que podem construir e compartilhar *Weltanschauungen* e, desta forma, se constituir em unidade (ainda na tradição alemã, edificando um *Geist* característico de um povo, de uma civilização).

Não cabe, neste artigo, a reconstituição ou até mesmo exemplos comparativos de modos de interação entre civilizações distintas; o que, aliás, embora sendo objeto das Ciências Sociais (a tentativa de construir modelos explicativos universais, aplicáveis *ad aeternum*), até agora realizável de forma incompleta. Até mesmo a categoria por excelência que remete aos processos de mudança em geral, o tempo, instrumento que, se operacionalizável, poderia inscrever marcas importantes para a compreensão dos fenômenos sociais e seus processos, é utilizada precariamente. Nesta direção, recortamos nosso campo de análise para os processos de sociabilidade vivenciados na modernidade, tendo a modernidade tardia como destaque. Modernidade e tempo indicam processos característicos, quase uma chave para a

²Trabalhamos a Sociologia de Simmel em outra ocasião. Ver sobre o assunto: Fontes (2015).

compreensão das formas de sociabilidade existentes para este período. Assim, segundo Rosa (2019, p. 08) “a modernização não é apenas um processo multifacetado no tempo, mas também, primeiramente e sobretudo, uma transformação estrutural e cultural extremamente importante das próprias estruturas e dos horizontes temporais”; e acrescenta ainda o autor: “horizontes e estruturas temporais são constitutivos para orientações de ação e para relações consigo mesmo” (p. 10).

Indicativo, para o caso do estudo dos processos de sociabilidade vivenciados na modernidade, é o esforço de Habermas na construção de uma teoria da fala “³”, indicando que os fundamentos para a compreensão dos fenômenos sociais devem ser buscados na forma como as pessoas se comunicam. O que ele fez, com a sua guinada linguística, na tentativa de construção de uma teoria do agir comunicativo⁴.

O projeto da modernidade, segundo Habermas, não está acabado, apenas ameaçado. Seu diagnóstico mais incisivo se espalha por sua obra, desde o clássico *Problemas de legitimação no capitalismo tardio*⁵ até, mais adiante, em *O discurso filosófico da modernidade*⁶. A promessa, segundo Habermas, inicia-se ainda no século XVIII, com o Iluminismo, com a ideia de o ser humano, a partir da razão, conhecer a natureza e a sociedade para, a partir da técnica, proporcionar a boa vida. O progresso, enquanto ideal, não é mais uma quimera; é algo possível e visível em breve. Habermas ainda argumenta que, mesmo com a barbárie do século XX, que, com suas incontáveis guerras, aniquila cerca de 100 milhões de pessoas⁷, não se deve desistir da promessa de um futuro em que a potência humana seja plenamente realizável.

Mas essa modernidade também traz inúmeras armadilhas, algumas já denunciadas muito antes, no final do século XIX, por pensadores europeus que viviam a incrível experiência de profundas mudanças provocadas pela expansão do capitalismo industrial; entre eles Weber, que profetizava o domínio da razão sobre as

³*Sprachtheoretische Grundlegung der Soziologie* é o subtítulo do primeiro volume dos seus textos filosóficos, publicados por ocasião da celebração do seu 80º aniversário. Consultar Habermas (2009).

⁴Consultar a respeito, HABERMAS (1985).

⁵HABERMAS (1973).

⁶HABERMAS (1985a).

⁷“Les miroirs de l’actualité’ et de l’histoire récente renvoient à l’homme de la fin du XXe siècle une image double et inquiétante: a la satisfaction de se voir maître de la nature à un degré jamais atteint jusqu’ici répond l’horreur de se savoir désormais aussi capable de la plus absolue inhumanité”
HABERMAS (1985:I).

vontades e paixões humanas, transformando aqueles que controlam a vida das pessoas, os membros do Estado moderno, em “especialistas sem espírito”: a incontável manipulação e o controle cada vez mais invasivo, características dos tempos modernos estudadas por vários especialistas, de diversas tendências teórico-metodológicas⁸. Habermas inscrevia essa ameaça em um fato concreto, em que a razão instrumental colonizava o mundo da vida, subsumindo-o aos imperativos do dinheiro e do poder⁹.

O assim chamado *zeitgeist* da modernidade, conjunto de comportamentos e práticas de sociabilidade construídos e experimentados pelos europeus (principalmente na Alemanha, na França e na Inglaterra) do final do século XIX e no século XX foi amplamente discutido, pensado e analisado por filósofos, cientistas sociais e literatos. A modernidade se completa nessa época, consolidando mudanças sociais que desde o século XVI se esboçavam. Assim, o dito período das luzes indicava não somente a promessa do progresso, o consequente domínio da natureza e o uso de técnicas úteis para a boa vida, mas também incertezas: urbanização, industrialização, declínio de modos de vida tradicionais e desafios que eram colocados às pessoas, com mentalidades ainda inscritas no modo de vida rural, bucólico e relativamente estável.

Nesses espaços discursivos se identifica claramente aquele que associa o transtorno mental à ordem social. Na literatura social contemporânea, por exemplo, podemos destacar uma série de estudos vinculados à Escola de Chicago, que buscam imputar à desorganização das metrópoles desequilíbrios e neuroses daqueles que lá vivem. Estudos já clássicos de Simmel, como “A metrópole e a vida mental”¹⁰, provocam a reflexão dos pesquisadores da escola de Chicago. Temos, assim, o texto igualmente clássico de Wirth (1938)¹¹, que assinala as implicações do crescimento

⁸Aqui vale a pena destacar a ideia de alienação em Marx, e a de sociedade disciplinar de Foucault, entre outras.

⁹Aqui vale a pena a leitura de Simmel, em sua obra *Filosofia do Dinheiro*, indicando que os comportamentos de distância, indiferença e despersonalização das relações sociais foram fortemente influenciados pela presença da economia monetária. Ver: Simmel (2011).

¹⁰Simmel, Georg Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131 (há uma tradução para a Língua Portuguesa de Leopoldo Waisbort publicada na revista Mana - MANA 11(2):577-591, 2005, com acesso livre a partir do endereço eletrônico <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>. Este estudo foi publicado originalmente em 1903.

¹¹Wirth, Louis. The urbanism as way of life. American Sociological Review, vol. 44, n° 1, (Jul., 1938), pp. 1-24. Disponível em: http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth_1938.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023.

urbano sobre o comportamento das pessoas. Outros estudos se seguem, como, o de Mower sobre ecologia urbana e perturbações mentais, o de Faris sobre perturbações mentais em áreas urbanas, o de Queen sobre perturbações mentais e ecologia urbana, todos publicados na coletânea de Pierson sobre ecologia humana.¹² Nessa mesma linha de pensamento, Ehrenberg (1998) sugere um “*réajustement du Moi*”, conformando-o à modernidade urbana, de vida agitada e sensações inebriantes.

Mais recentemente, pesquisadores sugerem que os transtornos mentais contemporâneos também podem ser decorrentes de características civilizatórias deste novo século, distintas daquelas vivenciadas por Freud e que deram origem às neuroses. Ehrenberg (1998) sugere uma genealogia do sofrimento, em que a neurose surge recortando o ferimento puramente psíquico, que tem origem em um acontecimento traumático. Estes acontecimentos, ainda segundo Ehrenberg, são típicos do “Mal do Século” (a depressão), vividos em sociabilidades características da Europa no final do século XIX. A neurose, portanto, é típica dos tempos modernos; e a depressão, da modernidade tardia.

A depressão e a melancolia, conceitos já utilizados no início do século XX, são ressignificados neste novo século. Âncoras como culpa, disciplinarização e obediência, que impossibilitam os sujeitos desejantes de realização plena, agora são deslocadas para as exigências da performance desta nova era: exigências de desempenho no trabalho, na vida sexual, nas relações de amizade, enfim, o desempenho como *Deus ex machina* desta nova civilização. Assim, segundo Ehrenberg (2012):

La dépression a joué un rôle d'entité clinique relais entre l'ancien monde de la psychiatrie et de la folie et le nouveau monde de la santé mentale et de la souffrance psychique. Elle a accompagné, au cours de la seconde moitié du XXe siècle, le déplacement de la discipline à l'autonomie en prenant progressivement la place de la névrose freudienne, cette pathologie de la culpabilité, pour devenir l'ombre de l'individu normé par l'autonomie. Dans un style d'existence organisé par la discipline traditionnelle, la question qui se posait à chacun était de type « névrotique » : que m'est-il permis de faire ? quand la référence à l'autonomie domine les esprits, quand l'idée que chacun peut devenir quelqu'un par lui-même en progressant de sa propre initiative

¹²Donald Pierson, antropólogo norte-americano, foi professor visitante da Universidade de São Paulo e introduziu no Brasil os estudos de comunidade. Publicou em 1945 uma importante coletânea sobre estudos de ecologia humana. A edição que consultamos (Pierson, Donald. Estudos de Ecologia Humana. São Paulo, Martins Fontes, 1970), contém os estudos que citamos sobre cidades e saúde mental: Mowrer, Ernest. O estudo ecológico de Faris e Dunham sobre perturbações mentais (pp. 396-405); Faris Robert; Dunham, Warren. Perturbações mentais em áreas urbanas (pp. 406-435); Queen, Stuart. Estudo ecológico das perturbações mentais (pp. 436-450).

devient un idéal inséré dans nos usages quotidiens, la question est de type « dépressive » : suis-je capable de le faire? la culpabilité névrotique n'a évidemment disparu, elle a pris la forme de l'insuffisance dépressive (p. 12).

Sociedade do cansaço¹³, ou a fadiga de si, são expressões agora construídas para descrever esta sociedade do desempenho, da busca neurótica do prazer narcisístico, em que vale tudo para assegurar o bem-estar, inclusive o recurso à aspirina psíquica¹⁴.

Todas essas questões foram discutidas antes da grande virada tecnológica provocada pela internet, que surge no final do século XX, e aprofunda os seus efeitos sobre as sociabilidades das pessoas, a partir da primeira década do século XXI. Questões impossíveis de serem pensadas são agora colocadas como resultado do impacto dessa nova tecnologia sobre as sociabilidades das pessoas. Mas serão realmente novas? Ou simplesmente algo já existente, com uma nova roupagem?

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE MEDIADAS PELA INTERNET: O QUE TEM DE NOVO?

As mudanças provocadas pelo advento da internet ainda não estão claramente explicadas pelos cientistas sociais. Há controvérsias sobre os seus efeitos (negativos e positivos) nas práticas de sociabilidades, principalmente, mas também sobre as mudanças resultantes do que vem sendo comumente denominado por

¹³Este é o interessante título do livro de Byung-Chul Han (*Müdigkeitgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2013), que apresenta a instigante tese sobre os tempos modernos: “die psychischen Erkrankungen der Leistungsgesellschaft sind gerade die pathologischen Manifestationen dieser paradoxen Freiheit“ (p. 25).

¹⁴Expressão de Ehrenberg (1998) que comenta uma tendência da medicalização da vida, a construção da sociedade do bem-estar. Assim, segundo o autor, “on passe des médicaments pour malades aux médicaments pour gens normaux en difficulté, puis aux médicaments pour faciliter la vie chez les gens en état normal... le rôle des drogues psychotropes est de rendre à ces patients la joie de vivre, à laquelle justement la vie moderne et les progrès de la technicité ne cessent de s'attaquer” (p. 109). Assim, uma segunda revolução – a primeira com a descoberta das camisas de força químicas, os neurolépticos, possibilitando a estabilização dos quadros de psicose –, com a descoberta da fluoxetina, na década de 1980, medicamento da classe dos inibidores seletivos de recaptção da serotonina, inicia-se uma nova era, a da adequação da psique às exigências da performance e da felicidade do mundo na modernidade tardia.

globalização¹⁵. Há, de fato, a recente incorporação desta nova tecnologia – praticamente a partir da década de 80 do século passado –, o que significa que é um fenômeno ainda em consolidação; por outro lado, há também que se considerar que os processos sociais decorrentes desta nova tecnologia são frequentemente atualizados, em virtude de as tecnologias da informática estarem em constante mudança. O ritmo e a velocidade da mudança social aumentaram consideravelmente desde a introdução das tecnologias de comunicação mediadas pela internet. Seus efeitos, como sabemos, estendem-se para toda a esfera das práticas de sociabilidade: econômica, cultural, de modos de vida; a extensão do fenômeno amplia cada vez mais o espectro de alcance: podemos inclusive afirmar que o impacto desta nova tecnologia atinge praticamente todo o planeta, com exceção de alguns povos isolados ou de regiões onde o nível de desenvolvimento é muito baixo.¹⁶ Com isso, não queremos afirmar que a exclusão digital não seja importante – e que de fato existe, mesmo em áreas onde o acesso à internet é amplo –, mas que o mundo é globalizado: é inegável a importância das influências da WWW sobre a vida cotidiana das pessoas, mesmo entre aquelas que não têm pleno acesso à rede¹⁷.

As mudanças são significativas, mas não concordamos que estejamos em uma nova fase civilizatória. Contrariamente aos que pensam em uma fase posterior à modernidade, endossamos a tese de Habermas (1985) quando afirma que a modernidade e as suas promessas ainda são a referência para o mundo do século XXI. Habermas, quando escreveu este importante livro, dialogando com os filósofos da pós-modernidade, talvez não imaginasse as profundas mudanças pelas quais as sociedades – em especial a Europa e os Estados Unidos da América – iriam passar. Mas, mesmo assim, considerando que a razão e as suas patologias talvez nos mostrem um quadro diferente daquele “otimisticamente” defendido pelos filósofos das luzes, as mudanças não indicam direções completamente diferentes daquelas iniciadas com o Renascimento e a modernidade.

¹⁵Alguns autores, especialmente aqueles de influência francesa, têm denominado este fenômeno por mundialização. Embora assinalem diferenças entre as duas expressões, considero que remetam a um mesmo fenômeno.

¹⁶Estamos aqui falando da Amazônia, de regiões da África, da Ásia Central e do Sudeste Asiático.

¹⁷A literatura sobre o assunto é vasta. Consultar, por exemplo: Han (2019).

Da mesma forma, e agora considerando os efeitos da revolução da internet sobre as sociabilidades, as práticas de interação e as construções reticulares das biografias individuais, acredito que, em sua essência, o fenômeno seja da mesma natureza. Da conversa direta, via interações face a face, àquelas mediadas pela internet, através de seus aplicativos, a natureza das redes, observada a partir de sua morfologia, de sua dinâmica, e também de seu recorte estrutural, parece mostrar as mesmas características; o que nos permite afirmar que aquelas condições de posição do ator na rede indicam características particulares de acesso a recursos: comunicação, apoio, bens materiais ou simbólicos etc.; que, conseqüentemente, podemos considerar que sejam válidas as considerações sobre a natureza da rede extraídas de estudos de redes egocentradas, em interação face a face, para o estudo das redes mediadas pela internet. Naturalmente, alguns ingredientes podem ser acrescentados, que são particulares as redes mediadas pela internet.

Considerar que o fenômeno é o mesmo não significa admitir que as suas manifestações sejam idênticas. Há, de fato, alguns ingredientes que são particulares aqueles em que a mediação dos aplicativos esteja presente. Com isso, acredito, tentamos mostrar que, para a análise das redes, alguns ingredientes estão presentes em toda estruturação reticular e outros são particulares segundo a prática de interação dominante consoante aos períodos civilizatórios.

1. Redes egocentradas em interações face a face

O modo mais frequente e universal da construção das estruturas reticulares se dá a partir das redes egocentradas construídas a partir da interação face a face. São estruturadas com origem nas trajetórias das experiências cotidianas, inscritas nos campos interativos dos círculos sociais dos atores. Estes campos de sociabilidade e as práticas de interação, entretanto, não são uniformes, tanto em seu conteúdo como, igualmente, em sua forma. As redes sociais egocentradas podem ser classificadas, inicialmente, em redes de laços fortes e redes de laços fracos. A distribuição destas redes é função da complexidade do social, que segmenta e as distribui em espaços sociais especializados. Assim, os indivíduos constroem seus círculos sociais, em suas trajetórias reticulares, cada vez mais especializados, na medida em que a divisão do trabalho aumenta e a transição da pessoa para o indivíduo se completa. Agora, na

modernidade, não é mais a pessoa, com construções de papéis integradas e plenamente reconhecidas; são os indivíduos, com interações sociais fragmentadas e inscritas em diversos campos de sociabilidade, na maior parte das vezes não comunicantes entre si. Os indivíduos têm, é certo, maiores possibilidades de construção do “eu” e localizam as práticas de sociabilidade em círculos sociais definidos, segmentados. Assim, segundo Simmel:

O indivíduo se vê primeiro em um ambiente que, relativamente à sua individualidade, encadeia o seu destino e lhe impõe o viver estreitamente ligado aqueles que por ocasião do seu nascimento se encontram juntos... Mas à medida em que a evolução acontece, cada indivíduo tece os laços com pessoas situadas no exterior do primeiro círculo de associação, que desta vez têm uma relação ancorada objetivamente sobre disposições, inclinações, atividades etc. A associação em função de uma coexistência exterior é substituída mais e mais por uma associação fundada em relações de conteúdo... O pertencimento geográfico e fisiológico, determinado pelo *terminus a quo*, é substituído aqui de maneira mais radical pela síntese do ponto de vista da finalidade, dos interesses interno e objetivo, pelo interesse individual (Simmel, 1999: p. 408).

Essas redes ainda apresentam outras características particulares segundo o momento histórico considerado. Assim, por exemplo, na modernidade, há a tendência, como vimos acima, da formação do indivíduo, com trajetórias reticulares mais singularizadas, características da passagem da pessoa para o indivíduo¹⁸; o que implica em construções reticulares mais específicas, com a predominância dos laços fracos e dos contatos mais singulares, decorrentes de escolhas das trajetórias biográficas. Assim, posições na estrutura social, desenho das redes e padrões reticulares cada vez mais decorrentes de escolhas são as características da modernidade, típicas da formação do indivíduo. Como resultado, há uma série de consequências importantes: padrões de mobilização de recursos, predominância de nós subsumidos a interesses específicos e pontuais, com a consequente ausência de vínculos sociais mais duradouros¹⁹.

¹⁸Alguns autores, como Klinger (2021), ainda acrescentam outra classificação, com a introdução da ideia da passagem do *individuum* para o *singulum* (vom subjekt über das Individuum zum Singulum), com o surgimento da pós-modernidade ou modernidade tardia.

¹⁹Alguns julgam que as consequências destas sociabilidades têm impactos muito fortes sobre o bem-estar emocional das pessoas: isolamento social, ausência de referências normativas e morais consistentes e esgarçamento dos laços de solidariedade. Outros, por sua vez, acreditam que o substrato da liberdade de escolha, da quebra dos vínculos sociais opressivos e a possibilidade de construir trajetórias biográficas livres de constrangimentos de controle social são conquistas importantes e que não devem ser negligenciadas.

Essas questões foram discutidas em profusão pela literatura das Ciências Sociais, e exploradas pelos romancistas do final do século XIX e do início do século XX. Não nos deteremos mais nessas questões. Vamos nos centrar, agora, no fenômeno das redes sociais mediadas pela internet, explorando brevemente alguns pontos e tendo como objetivo demonstrar a nossa tese central: que, fundamentalmente, as sociabilidades das pessoas não se modificam substancialmente com o surgimento desta nova tecnologia de comunicação; que, igualmente, inúmeras características singulares são acrescentadas, o que também procuraremos salientar, embora ainda de forma bastante provisória.

2. Sociabilidades primárias e sociabilidades secundárias nas redes mediadas pela internet.

Em 1996 Manuel Castells lança uma obra com pretensão ambiciosa: desvelar os mecanismos de uma nova ordem mundial, engatilhada a partir da revolução da informática. Sob o amplo título *A era informacional: economia, sociedade e cultura*, os três volumes dessa importante publicação tinham por hipótese central, já lançada em sua introdução, a ideia de que “nossas sociedades estão crescentemente estruturadas em torno de uma oposição bipolar entre a *Net* e o *Self*” (Castells, 1996a, p. 03). Mais adiante, introduz outro ingrediente fundamental: que os processos estruturantes do espaço/tempo desta nova era se modificam fundamentalmente, transformando-os de originalmente fixos e relativamente estáveis, a algo frouxo, instável e em constante movimento. Assim, segundo Castells, nessa nova forma de organização social, “o espaço organiza o tempo na sociedade de redes (p. 377), estruturando, assim, um espaço de fluxos:

O espaço de fluxo é a organização material de práticas sociais de compartilhamento de tempo que funcionam através de fluxos. Por fluxos, entendo sequências propositais, repetitivas e programáveis de troca e interação entre posições fisicamente desarticuladas mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade. As práticas sociais dominantes são aquelas que estão embutidas nas estruturas sociais dominantes. Por estruturas dominantes, entendo os arranjos de organizações e instituições, cuja lógica interna desempenha um papel estrangulado na formação de práticas sociais e consciência social para a sociedade em geral. (p. 412).

Ainda segundo Castells, os suportes materiais para a construção desta sociedade de fluxos são dados a partir de três pontos: (a) circuitos de impulsos eletrônicos; (b) nodos e *hubs*; (c) organização espacial das elites dominantes e a articulação das práticas econômicas nos espaços integrados globalmente. São as bases para a nova sociedade, global e local²⁰, constituindo, desta forma, uma revolução sem precedentes no capitalismo cada vez mais integrado, desorganizando as fronteiras dos Estados-nação e desconstruindo as antes tradicionais estruturas identitárias, cujos exemplos mais destacados são as categorias de classe e nação.

A década de noventa do século passado foi o início de um processo que se acelerou bastante desde então. As ideias de Castells, bastante instigantes, não diziam muita coisa, entretanto, sobre as sociabilidades do cotidiano, a respeito da vida ordinária das pessoas. Mesmo no segundo volume da sua trilogia, que trata de questões ligadas mais ao sujeito e às pessoas, o ângulo é direcionado para as grandes questões identitárias que, embora importantes, pouco diziam sobre como a internet e a revolução da informática iriam mais adiante influenciar significativamente o mundo das redes egocentradas. Campos de sociabilidade restritos, organizados a partir das trajetórias biográficas, em que até então a existência dos contatos mediados por tecnologia²¹, embora existente, não alcançava a enorme dimensão do que viria a seguir.

A internet iria despontar enquanto ferramenta revolucionária dos processos comunicativos somente a partir do final do século XX. Barry Wellman e seu grupo de pesquisa da Universidade de Toronto buscavam a resposta para a seguinte questão: “Can people find community online in the internet? Can relationships between people who never see, smell or hear each other be supportive and intimate?”²²

Essa é uma pergunta que os pesquisadores faziam de forma recorrente, sobre as ameaças desta nova tecnologia na construção das trajetórias de sociabilidades das pessoas. É possível que o uso da internet enquanto mídia de interações sociais – dada a sua potência e extensão – interfira nas sociabilidades ancoradas territorialmente, a

²⁰A expressão *globalização* vem sendo adotada de forma quase generalizada entre os cientistas sociais.

²¹Os correios, o telefone, o *fax*, muito importantes para cada época dos tempos modernos, iriam sendo secundarizados com o aparecimento da internet.

²²WELLMAN, Barry. GULIA, Milena. *Net wurfers don't ride alone: Virtual communities as communities*. In: Kollok, Peter (et alli). *Communities and CyberSpace*. New York, Routledge, 1999.

partir das interações face a face? Quais são os efeitos dessa nova tecnologia sobre o equilíbrio (socioafetivo) dos indivíduos?

Na década de 1990, havia um importante debate nos Estados Unidos da América sobre o declínio da comunidade, fonte principal do *grassroot democracy* que, desde os tempos de Tocqueville²³, era a característica marcante da democracia americana.

Cabe, neste momento, observar que esse fenômeno, sendo relativamente novo, apresentava entre os analistas cenários divididos: ou muito otimistas, ou catastroficamente negativos. Sem pretender ser extensivo nesta revisão bibliográfica, basta, por exemplo, anotar dois exemplos interessantes sobre os efeitos da internet sobre as sociabilidades cotidianas, na construção dos vínculos comunitários, ou os efeitos na construção da esfera pública. Para uma corrente importante de cientistas políticos estadunidenses, o vínculo comunitário, a pertença a laços territoriais, era a “cola” que unia indivíduos, que os levava à esfera pública para deliberar e, juntos, construir uma sociedade, cujos interesses comuns fossem a tônica dominante. Esse fenômeno, festejado e estimulado por políticos e cientistas sociais, de repente se encontra ameaçado pelas transformações recentes da sociedade americana, que provocava perda de vínculos comunitários essenciais à manutenção da saúde política do povo estadunidense. Robert Putnam publicou, no final da década de 1990, um importante livro, cujo título sugestivo é *Jogando boliche sozinho*, e indicava que as práticas associativas comunitárias estavam em declínio e que, portanto, o vigor da esfera pública estava ameaçado. A desintegração dos laços comunitários é o resultado de uma série de fatores, mas Putnam aponta índices que indicam desterritorialização, construção dominante de laços secundários e interações mediadas pela internet em crescente importância. É, segundo ele, um fenômeno que corrói de maneira importante as instituições²⁴.

O debate não é unânime. Há outros autores, por exemplo, que indicam a possibilidade de construção de uma “ágora digital”. Pierre Lévy, por exemplo, constrói o conceito de inteligência coletiva, em que, a partir do livre fluxo de comunicação, as

²³Tocqueville, Alexis. *A democracia na América*. São Paulo, Edipro, 2019.

²⁴O comunitarismo, ou a força das comunidades como cimento social, é um tema bastante trabalhado na literatura estadunidense. Sobre o assunto, ver: Wuthnow (1998).

pessoas exprimem suas opiniões fora de forma igualitária, evitando, assim, a predominância de uns sobre os outros. Com isso, a potência da democracia é efetivamente incrementada, permitindo o fluxo de debates e a circulação de ideias sem precedentes. Essa ideia, de cibercultura, proporciona uma visão de futuro bastante otimista²⁵.

Recentemente, com os movimentos sociais de 2013 – e o uso intenso de redes sociais mediadas pela internet –, a utopia de uma rede simétrica e horizontal (basicamente, a ideia de Lévy) foi revivida, com os participantes das Assembleias de Madrid, em que as pautas políticas eram lançadas para debate e voto a partir da plataforma do Twitter. A construção da ágora digital era tentada, em um futuro ainda cheio de incertezas²⁶.

Outro campo de investigação que foi construído vigorosamente no final do século XX refere-se à tentativa de entendimento sobre a natureza das interações sociais mediadas pela internet. Os primeiros estudos ainda não tinham conhecimento do impacto da chamada Internet 2.0²⁷ e o surgimento das redes sociais mediadas pela internet. Em um primeiro momento, ainda se tratava da possibilidade de comunicação entre duas pessoas, a partir do correio eletrônico ou das chamadas virtuais. Em essência, a substituição da mídia telefônica pela digital. Ou das possibilidades de informação oferecidas pelos mecanismos de busca (Google, Yahoo, entre outros). Basicamente, a ideia era que a âncora territorial não era exclusiva para a interação social orientada para laços fortes, mas que era possível, a partir da mídia digital, construir e alimentar estes vínculos. Wellman e o seu laboratório de pesquisa na Universidade de Toronto produziram inúmeros estudos sobre as assim chamadas comunidades virtuais e a potência da internet para aproximar pessoas. E a sua hipótese central recentemente foi revivida em uma publicação de 2014: “technology does not determine human behavior; humans determine how technologies are used” (Wellman, 2014 p. IX).

²⁵Consultar: Levy (1997, 1994, 2002).

²⁶Há uma extensa literatura sobre o assunto. Para o caso brasileiro, consultar: Ferreira; Fontes (2013).

²⁷Internet 2.0 refere-se a um segundo momento, iniciado a partir da primeira década do século XXI, quando houve a introdução de plataformas que possibilitavam interação em grupo, as chamadas redes sociais: Facebook, Twitter, WhatsApp, entre outras.

Assim, segundo a análise de Wellman, as orientações e o formato das interações sociais em rede são basicamente aquelas existentes nas interações virtuais: há a presença de laços fortes, laços fracos, interações ocasionais e outras permanentes. Não é possível afirmar a existência de um espaço de sociabilidade paralelo ao mundo real, como querem fazer acreditar alguns escritos de divulgação científica ou, até mesmo, a ficção dos filmes hollywoodianos.

Há que acrescentar, entretanto, que as utopias excessivamente otimistas parecem não se confirmar. Tópicos como o acesso irrestrito à informação, a possibilidade de horizontalidade entre os membros da rede e, conseqüentemente, a existência de mecanismos democráticos de formação de opinião parecem ser contraditos por estudos recentes.

Mas a crítica mais contundente que se pode fazer às novas tecnologias diz respeito ao controle de informações por grupos privados, com ausência quase absoluta da autoridade do Estado e, desta forma, a destituição da sociedade civil e da esfera política sobre o domínio das ações públicas. No início da revolução da informática, com a globalização, havia uma série de estudos mostrando a decadência dos Estados nacionais no controle dos territórios e, desta forma, o seu enfraquecimento enquanto ator importante na regulação da esfera econômica²⁸. Agora, com o desenvolvimento da internet e as suas ferramentas de comunicação, surge algo aparentemente mais grave: o fato de as grandes empresas que atuam nos processos comunicativos controlarem volumes impressionantes de informações sobre pessoas, governos e empresas. E esse fenômeno é bastante recente²⁹, chamando a atenção para os pesquisadores de um novo fenômeno: o capitalismo de vigilância, que é assim definido por Zuboff (2020, s/p):

1. Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas;
2. Uma lógica econômica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento;
3. Uma funesta mutação do capitalismo marcada por concentrações de riqueza, conhecimento e poder sem precedentes na história da humanidade;
4. Estrutura que serve de base para a economia de vigilância;
5. Uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI

²⁸O fato, por exemplo, de a regulação sobre a circulação do capital ser bastante frágil, o que possibilita o ataque especulativo das moedas e das bolsas.

²⁹O que as pesquisas indicam é que este fenômeno se torna mais relevante somente a partir do início da segunda década deste século.

quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX; 6. A origem de um novo poder instrumentário que reivindica domínio sobre a sociedade e apresenta desafios surpreendentes para a democracia de mercado; 7. Um movimento que visa impor uma nova ordem coletiva baseada em certeza total; 8. Uma expropriação de direitos humanos críticos que pode ser mais bem compreendida como um golpe vindo de cima: *uma destituição da soberania dos indivíduos* (grifos nossos).

O livro de Zuboff tem algo de catastrófico e certamente muitas das coisas que ele afirma ainda carecem de estudos mais aprofundados. Mas o fato é que constantemente têm surgido indícios de que a revolução da internet apresenta efeitos bastante nefastos sobre uma série de facetas desta nova ordem mundial, na qual certamente os ideais do liberalismo – da soberania do indivíduo, da existência de Estados que atuam sobre a ordem social para a defesa dos interesses públicos e, principalmente, de uma lógica de proteção de direitos – são letra morta; que, ainda mais, os ideais de uma lógica social mais justa, a bandeira dos socialistas de todos os matizes, veem-se confrontados por um mundo cada vez mais desigual e excludente, em que, certamente, o pano de fundo dessas novas tecnologias é o suporte essencial.

E o que nos chama a atenção, em outra vertente de estudos, é que este volume incomensurável de informações extraídos dos indivíduos, que depositam ininterruptamente nos bancos de dados dos que controlam a internet – o Google, a Apple, o Twitter, a Meta³⁰ –, é manipulado para organizar as vontades das empresas que usam estas informações para vender, e também para formar opiniões. Seaver, em um instigante artigo³¹, traz importantes questões para a compreensão do que ele denomina “sistemas de recomendação algorítmica”, técnica de manipulação de dados com informações obtidas por usuários das diversas plataformas da internet que acessamos todos os dias. Assim, quando buscamos algo no Google, quando nos divertimos no Facebook ou quando navegamos no Twitter, deixamos lá traços (sobre o que procuramos, sobre as pessoas que interagimos, sobre as notícias ou os assuntos que lemos, sobre o que compramos...) que depois são recuperados pelos *softwares* de

³⁰A Meta é um conglomerado empresarial que reúne empresas, como Facebook, Instagram e WhatsApp. Já o Twitter foi fundado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass e adquirido, em abril de 2022, pelo bilionário Elon Musk.

³¹Seaver, Nick. *Algoritmos cativantes: sistemas de recomendação como armadilhas*. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2022/04/Algoritmos-cativantes-Sistemas-recomendados-como-armadilhas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

data mining; esses dados, depois de processados e organizados por algoritmos, são devolvidos aos que usam a *web* para direcioná-los a outros sites de interesse, recomendando assim, por exemplo, filmes na Netflix ou músicas no Spotify, conquistando a fidelidade de clientes que assinam os serviços destas plataformas de *streaming*. Ou, em outra direção, dirigem os usuários da *web* para empresas que vendem coisas, em um *marketing* sutil, calculado e planejado segundo princípios extraídos de estudos sobre comportamento humano, dirigidos por psicólogos e outros especialistas³².

Em outra direção, igualmente complexa e ainda não totalmente compreendida, está o uso destes macrodados, manipulados a partir de algoritmos, para a formação de opinião política, direcionando informações selecionadas e fatos – às vezes manipulados, o que depois veio a ser conhecido por *fake news*. Pesquisadores indicam que ocorrências recentes, como o referendo do Brexit³³ e as campanhas presidenciais dos Estados Unidos³⁴ e do Brasil³⁵, tiveram como suporte o uso intenso de plataformas de redes sociais mediadas pela internet e a manipulação de informações a partir do uso de algoritmos construídos, especialmente, para este fim.

O cenário, como percebemos, ainda está cheio de questões não resolvidas, mas há uma agenda de pesquisa importante, e a busca por novas ferramentas para a extração de dados se faz necessária. Não é mais possível, por exemplo, pensarmos a ideia de esfera pública a partir das práticas tradicionais do debate na imprensa e da livre discussão das pessoas em *fora* presenciais. Desde os cafés do início da Idade Moderna até os debates e os comícios, as práticas de sociabilidades continuam as mesmas, mas agora profundamente moldadas por novas técnicas e meios de comunicação. Da mesma forma, a recomendação sobre um filme, um livro ou até mesmo um alimento não é mais dada a partir das pessoas do nosso círculo social. Os algoritmos e as armadilhas da rede nos aprisionam em um universo de consumo, de

³²O autor, que é antropólogo, oferece-nos uma interessante analogia entre essas técnicas e as desenvolvidas por caçadores, na construção das armadilhas. São sistemas que servem para “fisgar”, neste caso, pessoas: “uma tendência entre os fabricantes desses sistemas de descrever o seu propósito como ‘fisgar’ [hook] pessoas - aliciando-as para uso frequente ou duradouro”.

³³Consultar, sobre o assunto: Del Vicario (2017), Mancosu (2019).

³⁴Cf. Howard (2018).

³⁵Cf. Salles (2019).

formação de gostos e opinião. Não há ainda a certeza sobre o real poder destas novas técnicas, mas com certeza elas estão presentes e colocam novos desafios.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol. I. The rise of the Network Society. Malden, MA, Blackwell, 1996a.

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol II. The Power of Identity. Malden, MA, Blackwell, 1996b.

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol III. End of Millenium. Malden, MA, Blackwell, 1996c.

DAHRENDORF, Ralph. *Homo Sociologicus*. Londres, Routledge, 1973.

DEL VICARIO, Michella; Zollo, Fabiana; Caldarelli, Guido; Mapping social dynamics on Facebook: the Brexit Debate. In: *Social Networks*, vol. 50, july 2017, pp. 6-16.

EHRENBERG, Alain. *La Société du Malaise*. Paris, Ed. Odile Jacob, 2012.

EHRENBERG, Alain. *La Fatigue d'Être Soi*. Paris, Editions Odile Jacob, 1998.

FERREIRA, Jonatas; FONTES, Breno. ÁGORA ELETRÔNICA: algumas reflexões teórico-metodológicas. *Est. Soc. [on-line]*. 2013, vol. 2, n. 19.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. La contribución de Simmel a la sociología reticular. *Estudios Sociológicos XXXIII*: 99, 2015.

FOUCAULT, Michel. Terceira Parte: Disciplina. In: *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Le Discours Philosophique de la modernité*. Paris, Editions Gallimard, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Legitimationsproblem im spätKapitalismus*. Frankfurt am Main, Surkamp, 1973.

HABERMAS, Jürgen. *Philosophische Texte*. Suhrkamp, Frankfurt am Main, 2009 (Studienausgabe Suhrkamp, 4 Bände).

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome I Rationalité de l'agir et rationalisation de la société. Paris, Fayard, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome II: Pour une critique de la raison fonctionnaliste. Paris, Fayard, 1985a.

HAN, Byung Chul. *Hiperculturalidade, cultura e globalização*. Petrópolis, Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Müdigkeitgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2013.

HOBSBAUM, Eric. *Globalização, Democracia, Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

HOWARD, Philipp; Wooley, Samuel. Algorithms, bots, and political communication in the US 2016 election: The challenge of automated political communication for election law and administration. In: *Journal of Information, Technology and Politics*. Volume 15. 1028, issue 2.

KLINGER, Cornelia. The selfie – oder das Selbst in seinem Welt-Bild. In: FUCHS, Thomas (edt) *Das Überforderte Subjekt. Zeitdiagnosen einer Beschleunigten Gesellschaft*. Berlin, Suhrkamp Verlag, 2021, pp. 115-144.

LECHNER, Frank J. BOLI, John. *The globalization reader*. Blackwell, Hoboken, NJ, 2019.

LEVY, Pierre *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997.

LEVY, Pierre *Cyberdémocratie (Essai de philosophie politique)*. Paris: Odile Jacob, 2002.

LEVY, Pierre *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte, 1994.

MANCOSU, M. ; BOBBA, G. (2019) Using deeplearning algorithms to derive basic characteristics of social media users: The Brexit campaign as a case study. In: *PLoS ONE* 14(1): e0211013. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211013>.

MARX, Karl. *Grundrisse. Manuscritos de 1857-1858*. Esboços da Crítica da Economia Política. São Paulo, Editora Boitempo, 2011.

PIERSON, Donald. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1970.

PUTNAM, Robert. *Bowling Alone: the collapse and revival of American Community*. N. York, Simon and Schuster; Touchstone books, 2001.

ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo, Unesp, 2019.

SALLES, Eduardo; Amaral, Augusto Jobim. Máquinas de subjetivação, capitalismo de vigilância e algoritmos: uma aproximação desde o caso brasileiro. In: *Actas del III Congreso Internacional Move.net sobre Movimientos Sociales y TIC 14 y 15 de noviembre de 2019 – Universidad de Sevilla*, COMPOLITICAS extraído de https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17360/2/Maquinas_de_subjetiva

[cao capitalismo de vigilancia e algoritmos uma aproximacao desde o caso brasil eiro.pdf](#). Acesso em: 19 abr. 2022.

SCOTT, Alan. *The limits of globalization*. London, Routledge, 1997.

SEAVER, Nick. Algoritmos cativantes: sistemas de recomendação como armadilhas. In: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2022/04/Algoritmos-cativantes-Sistemas-recomendados-como-armadilhas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SIMMEL, Georg Die Großstädte und das Geistesleben". In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995, vol. 7, pp. 116-131.

SIMMEL, Georg. *The Philosophy of Money*. London, Routledge, 2011.

SIMMEL, Georg. (1896) Comment les formes sociales se maintiennent. In: *L'année sociologique*, p. 71-107. Disponível em: <http://socio.ch/sim/franzoesisch/formes.htm>. Acesso em: 23 mar. 2012.

SIMMEL, Georg. *Sociologie*. Etudes sur les formes de la socialisation. Paris, PUF, 1999.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

WELLMAN, Barry; RAINIE, Lee. Networked. *The new social operating system*. Cambridge, MA, MIT Press, 2014.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net surfers don't ride alone: Virtual communities as communities. In: KOLLOK, Peter (et al.) *Communities and Cyberspace*. New York, Routledge, 1999.

Wirth, Louis. The urbanism as way of life. In: *American Sociological Review*. Vol. 44, No. 1, (Jul., 1938), pp. 1-24. Disponível em: http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth_1938.pdf. Acesso em: 23 mar. 2022.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro, Intrínscica, 2020.

Recebido em: 22 de abril de 2022.

Aceito em: 15 de agosto de 2022.

COMO REFERENCIAR

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Redes e sociabilidades na modernidade tardia. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 175-196, 2022.